

Cristovão Tezza e a crônica da crônica

Reunião de textos para a imprensa revela prosa inteligente e bem-humorada. Por **Gonçalo Junior**, de São Paulo

"Um Operário em Férias — 100 Crônicas Escolhidas"

Cristovão Tezza

Record, 232 págs., R\$ 34,90 **AAA**



Das cem crônicas que compõem o volume "Um Operário em Férias", do escritor Cristovão Tezza, mais da metade cuida da arte da

escrita e um bom número é dedicado à crônica em si. É a crônica da crônica ou a crônica da escrita. Não por acaso, porque se trata de uma experiência tardia, uma vez que ele começou no gênero aos 56 anos e depois de se consagrar como premiado romancista.

Tezza aceitou o desafio de fazer textos leves, breves e bem-humorados para o jornal "Gazeta do Povo", de Curitiba, a partir de abril de 2008. A maioria traz viés confessional, em que fala de seu ofício de escritor — explica os motivos da decisão de largar a universidade depois de 24 anos não para apenas escrever e, sim, com o propósito de curtir o ócio enquanto tem saúde para desfrutá-lo. "E para ler tudo que sempre quis ler só pelo prazer da viagem."

Talvez por trabalhar para um jornal que se identifica como popular, o autor de "O Filho Eterno" recorre a toques sutis de ironia e crítica para falar de temas espinhosos no meio literário, como a conturbada relação secular entre autores e editores. Até pegar confiança e rumo, usou seu espaço semanal das terças-feiras, inicialmente, para fazer uma espécie de terapia junto aos leitores. Falou dos desafios de ser cronista, do medo de faltar assunto e do conceito do termo. Sem querer, provavelmente, dá algumas aulas deliciosas de como se aventurar nesse ofício tão ingrato.

Depois de se identificar como blogueiro de papel, ele observa: "É



Tezza, cronista há cinco anos: provavelmente sem querer, ele dá algumas aulas deliciosas de como se aventurar nesse ofício tão ingrato

verdade que nunca me converti aos blogs, que sugam tempo e precisam ser alimentados todo dia, como gatos e cachorros. Mas cá estou eu, enfim, blogueiro a manivela, inaugurando a minha vida de cronista". Aos poucos, no entanto, Tezza se solta e entra no mundo editorial: "A primeira diferença que senti entre escrever livros e escrever crônicas — trabalho novo para mim — foi a onipresença do leitor".

Tezza, que se mudou para Curitiba ainda criança, em 1961, trata ainda da paixão pelo futebol — ou melhor, pelo Atlético Paranaense — em uma série de crônicas, das viagens para palestras por todo o Brasil e as curiosas experiências que viveu, como a noite numa pizzaria em São

Paulo lotada de escritores e artistas em que conversou com a atriz Alessandra Negrini sem saber de quem se tratava.

Não foge à polêmica em diversos textos e sugere, acertadamente, que livros escritos em português de Portugal, para ser publicados no Brasil, passem por uma tradução antes — na verdade, mais uma adequação. O mesmo deveria ocorrer no processo inverso. "Minha proposta herética (...) provocou uma interessante reação de alguns leitores, majoritariamente contra a treloçada ideia", escreveu no texto seguinte para, em seguida, situar melhor seu ponto de vista, sem abrir mão do mesmo.

Em "Não me adotem", pede que

Secretarias de Educação federal, estaduais e municipais não adotem seus romances porque, mais cedo do que se imagina, algum pai ou professor vai ler o livro e se chocar com alguma passagem, a ponto de pedir que o mesmo seja defenestrado — leia-se, a compra cancelada. Por isso, "não sou um escritor de confiança", ironiza. E assim o catarinense que virou paranaense mostra suas impressões, conceitos e ideias, em busca da clareza e não do rebuscamento literário.

Não há nenhum demérito nisso. Pelo contrário, ele procura se fazer entender e cumprir o seu papel de dar prazer à leitura de jornal, como tem de ser. O que anda meio raro nesse gênero. ■